

Um estudo das construções dar + para + V [infinitivo] nas Universal Dependencies

Marcella M. Lemos Couto¹, Oto Araújo Vale²

¹ PPGL-UFSCar

²Departamento de Letras – UFSCar

{marcella.couto@estudante.ufscar.br, otovale@ufscar.br}

Abstract. *In Natural Language Processing (NLP), the corpus annotation task is the most basic and essential way to improve analyzes that benefit themselves from automatic information extractions. This article discusses the challenge of adapting the Universal Dependencies (UD) guidelines to the Brazilian Portuguese language. In order to recognize patterns within the potential phenomena and to promote consistency in the annotation process, the construction formed by **dar + para + V [infinitivo]** is analyzed.*

Resumo. *Em Processamento de Linguagem Natural (PLN), a tarefa de anotação de corpus é a forma mais básica e essencial para aprimorar análises que se beneficiam de extrações de informações automáticas. Este artigo discute o desafio de adaptar as diretrizes da Universal Dependencies (UD) para o português brasileiro (PB). Com o objetivo de reconhecer padrões nos fenômenos encontrados e promover consistência nas anotações, analisa-se a construção **dar + para + V [infinitivo]**.*

1. Introdução

A anotação de corpus tem se tornado uma atividade essencial tanto nos recentes estudos linguísticos, quanto para os diversos recursos em Processamento de Língua Natural (PLN). Essa atividade possibilita a descoberta de padrões de uso e tem sido essencial para, por exemplo, o treinamento de algoritmos de aprendizado de máquina. Hovy & Lavid (2010) fazem um apanhado dos diversos níveis de anotação e chegam mesmo a falar de uma “ciência da anotação”.

Nesse sentido, um ponto interessante das *Universal Dependencies* - UD - (NIVRE et al., 2016) é que essa abordagem já nasce como um projeto de anotação consistente para diversas línguas. Seu objetivo de facilitar o desenvolvimento de analisadores multilíngues facilita a pesquisa a partir de uma perspectiva de tipologia linguística. Esse modelo é o adotado no projeto *Portinari-base* (PARDO et al., 2021) que tem por objetivo colaborar para o crescimento de recursos baseados em sintaxe e o desenvolvimento de ferramentas e aplicativos relacionados para o português brasileiro.

Dentro dessa representação, neste trabalho discute-se o desafio de anotação da construção formada pelo verbo **dar** seguido da perífrase verbal formada de **para + V [infinitivo]**. A escolha desse tipo de construção se deu a partir de uma série de discussões no processo de anotação do corpus por representar desafios significativos na tarefa de anotação.

2. A problemática dos “argumentos”

Uma noção central na tradição teórica das gramáticas de dependências é a noção de valência que nasce a partir dos estudos de Tesnière (1959) e tem ganhado visibilidade por sua versatilidade. Nivre *et. al.* (2016) explica que, salvo algumas diferenças de um quadro teórico para outro, a valência é frequentemente relacionada à estrutura semântica predicado-argumento e, normalmente, atribuída mais frequentemente ao verbo. Nivre *et al.* (2016) assume que a valência de um verbo inclui apenas argumentos dependentes, mas algumas teorias também permitem que alguns não argumentos obrigatórios sejam incluídos. Além das funções gramaticais tradicionais, (tais como predicado, sujeito e objeto), os papéis semânticos (como, por exemplo, agente, paciente e finalidade) são comumente usados, especialmente nas representações da sintaxe profunda e da semântica.

Nesta seara, o modelo da Gramática de Construções (GC) propõe o pareamento entre forma e significado (FILLMORE, 1988; GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001) não existindo uma rigidez entre léxico e gramática. Em outras palavras, a GC defende que a linguagem não é apenas uma lista de palavras com significados fixos e regras gramaticais rígidas para combiná-las. Em vez disso, ela sugere que as construções são unidades fundamentais da linguagem, que consistem em padrões formais (sintáticos) e significados específicos que se associam de maneira flexível. Isso significa que a forma como as palavras são organizadas em uma frase influencia diretamente o significado que é comunicado. Sob essa perspectiva, construções são dotadas de características semânticas não sendo previsíveis a partir de suas partes componentes. De acordo com Goldberg (1995), as construções devem ser analisadas levando em conta tanto as generalizações mais amplas, como também os padrões mais limitados, chegando a considerar, por exemplo, morfemas como construções. Isso quer dizer que, à luz da GC, a análise linguística não pode prescindir do pareamento entre as propriedades formais e as funcionais das construções. Goldberg (1995) coloca em seu foco as construções de estrutura argumental, que são sentenças compostas por um verbo e seus argumentos. Em sua análise, há distinção entre papéis argumentais de papéis participantes. Os papéis argumentais são associados ao verbo e os papéis participantes são previstos pelo constituinte sub-oracional ao qual são associados, e não necessariamente pelo verbo.

Em última análise, pode-se estabelecer que estamos diante de um mesmo desafio para as teorias linguísticas: distinguir o que é dispensável daquilo que é essencial.

3. A complexidade da questão

O verbo **dar** é muito produtivo em português brasileiro e isso reflete uma complexidade maior na análise e classificação de suas construções. Por exemplo, no Dicionário de verbos do português brasileiro, de Francisco Borba (1996), o verbo **dar** indica ação-processo e aparece em muitas entradas distintas. Com o complemento **para + V [infinitivo]**, pode significar (i) doar algo a alguém para alguma finalidade; (ii) ser possível; (iii) ter jeito, vocação ou inclinação; ou (iv) ser suficiente (BORBA, 1996). Coelho e Silva (2014), em um estudo sobre o processo de gramaticalização do verbo **dar** sob uma abordagem de interface entre semântica cognitiva e variação linguística, demonstram como este passou de predicador a auxiliar ao longo dos séculos. Ao perder propriedade lexical e se juntar a uma preposição seguida de outras formas verbais flexionadas no infinitivo, esse verbo forma uma nova construção verbal e passa a

desempenhar, nesse contexto, funções gramaticais relacionadas à expressão da **modalidade** e do **aspecto**. O que interessa é identificar o processo em que o elemento linguístico saiu do nível da criatividade eventual da língua em uso para penetrar nas restrições da gramática, tornando-se mais regular e mais previsível. O verbo **dar** seguido da perífrase verbal em estudo resulta em novos significados que extrapolam o significado do verbo quando ocorre em sua forma plena, por exemplo¹:

- (1) **Dá para fazer** coisas legais aqui.
- (2) Todas as verbas somadas **só dariam para construir** nove metros de linha.
- (3) E o gigante, que adora dormir, **deu para acordar** à noite, atormentado pelo pesadelo de não poder voltar a dormir tão cedo!

Em (1), o verbo **dar** exprime uma *possibilidade*, a de **se fazer coisas legais aqui**. Já em (2), a construção contém o sujeito **todas as verbas somadas**. Nesse caso, não se trata mais de uma *possibilidade*, mas sim de *ser suficiente*. Em (3), vemos algo que *não acontecia e passou a acontecer* ao sujeito de **dar**, marcando assim o *aspecto inceptivo*, isto é, aquele que assinala o início de uma ação. No português europeu, existe a mesma construção, mas a preposição é **em**: **dar + em + V [infinitivo]** (BAPTISTA & MAMEDE, 2020).

Exceto em (1), em que o verbo está na forma impessoal, até aqui, os elementos que antecedem o verbo correspondem aos sujeitos das orações. Entretanto, nem sempre que há um SN antecedendo a construção **dar + para + V [infinitivo]** este será o sujeito da oração, como em:

- (4) O torcedor **dá para entender**, mas jornalistas que cobrem futebol torcerem igual é incompreensível.

Em (4), mesmo que haja concordância, o elemento que antecede o verbo principal, **o torcedor**, não é o sujeito, mas sim, o objeto do verbo no infinitivo **entender**. Dito de outra maneira: **dá para entender o torcedor**. Isso fica comprovado em (5), sentença em que não há concordância verbal com o elemento que antecede o verbo:

- (05) **Todas essas doenças dá** para curar se a pessoa tratar logo.

Quando o verbo **dar** é empregado em sua construção como verbo pleno (ou distribucional), não há ambiguidade quanto à interpretação do complemento preposicionado seguido de infinitivo, como em:

¹ Todos os exemplos utilizados no artigo foram retirados do corpus Brasileiro (CBRAS), disponível em: <https://www.linguateca.pt/acesso/corpus.php?corpus=CBRAS>

(6) Ele **nos dará** dinheiro **para manter** a reeleição de governadores e de prefeitos.

Note-se que em (6a) que é possível substituir a preposição **para** pela locução **com a finalidade de**, comprovando assim se tratar de uma oração final.

(6a) Ele nos dará dinheiro **com a finalidade de** manter a reeleição de governadores e de prefeitos.

Outra particularidade do verbo **dar** é possibilidade de construir construções como verbo-suporte. “Particularmente nas construções com verbo-suporte, o predicador central da frase é um nome, enquanto o verbo serve apenas como suporte desse predicador.” (RASSI, 2015. p. 18) Acrescenta-se essa informação a título de interesse, já que o escopo deste trabalho é discutir a estrutura **dar + para + V [infinitivo]** como complementador desse verbo. Mais uma confirmação da produtividade desse verbo.

4. O complemento “para + infinitivo”

A perífrase formada de **para + V [infinitivo]**, geralmente, constrói orações adverbiais finais. Neves (2011) aponta para a grande produtividade desse complemento. Explica também que o contexto semântico prototípico é o de que a oração principal tenha um sujeito capaz de exercer controle na final. O que a autora descreve sobre as adverbiais circunstanciais são as que se ligam ao conteúdo preposicionado da oração principal. Também, as orações podem ser clivadas, focalizadas, substituídas por construções nominais do tipo com a finalidade de e podem ser objetos de interrogação.

Borba (1996. p. XVIII) diz que esse “complemento faz parte da estrutura interna de um SN, que se desdobra, portanto, em V + complemento”. Por ser indispensável, o complemento faz parte da valência do verbo. O complemento de natureza adverbial com valor semântico de finalidade é expresso pela forma: **para + nome + oração infinitiva/oração conjuncional final**. Para o autor, a subcláusula de finalidade é considerada um complemento essencial.

5. Os desafios e caminhos na atribuição da *deprel*

Qualquer projeto, antes de realizar a anotação segundo as diretrizes da UD, deve realizar as adaptações de acordo com as especificidades de cada língua. Para o PB, já existem duas versões do manual² de anotação de relações de dependência do projeto.

Em UD, são previstos dois níveis de anotação: o primeiro, no nível morfológico, contém sete etiquetas morfossintáticas (*PoS tags*); o segundo, no nível sintático, apresenta 37 relações de dependência (*deprel*). A representação da estrutura de dependências é arbórea e uma palavra da sentença é a raiz (*root*) da representação. Nesse segundo nível, a anotação das *deprel* se dá de maneira binária e assimétrica. A representação básica de uma estrutura de dependências é estabelecida entre parte de uma unidade

² Versão mais recente disponível em:

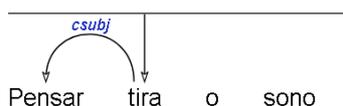
<https://drive.google.com/file/d/1ile8Wfxu1qdrZOmLGqkvVuQ4fXvHgVMo/view>

lexical que encabeça a relação e outra unidade lexical sintaticamente dependente dela. Os dependentes que não correspondem a argumentos tendem a ser opcionais e podem ocorrer mais de uma vez em um mesmo predicado. Já os dependentes que correspondem a argumentos ocorrem apenas uma vez em cada predicado. (NIVRE et al., 2016)

A UD separa os argumentos dos predicados *em core arguments e non-core dependents*. Quando o dependente está na forma oracional, como é o caso da perífrase em estudo, o elemento dependente que recebe a seta é o verbo. São três as etiquetas *de core arguments* que são usadas para vincular uma palavra principal ao verbo de uma oração dependente (*deprel: csubj, ccomp, xcomp*) e uma em que o predicado é o *head* e o dependente é considerado seu modificador (*deprel: advcl*).

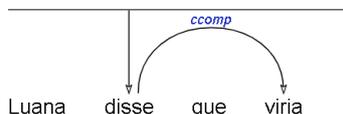
A *deprel csubj* (sujeito oracional) é utilizada para anotar o sujeito constituído de uma oração, como o exemplo abaixo em que a *deprel csubj* une **tirar**, *head* relação, a **pensar**, dependente da relação.

(7) Pensar tira o sono.



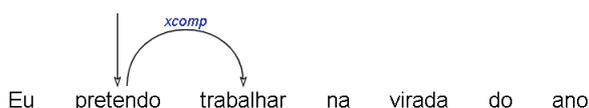
A *deprel ccomp* (complemento oracional fechado) complementa o sentido do predicado, é um argumento core e é um complemento oracional fechado. Isso significa que esse complemento não pode ter um sujeito controlado, nem pelo sujeito, nem pelo objeto da oração principal. É muito comum e fácil de identificar a relação *ccomp* quando há uma oração subordinada completando o sentido do verbo, introduzida por uma conjunção subordinativa. Em paralelo com a gramática tradicional (GT), essa *deprel*, geralmente, contempla o que seria considerada uma oração subordinada substantiva objetiva direta ou objetiva indireta, como em:

(8) Luana disse que viria.

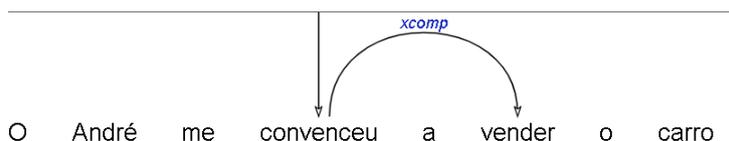


A última *deprel* que também liga um *head* a um argumento core como as anteriores é a *xcomp* (complemento oracional aberto). Muitas vezes, ela pode ser confundida com *ccomp*, com exceção quanto ao detalhe da diretriz que trata sobre seu sujeito sintático. Para atribuição desta *deprel*, o sujeito do verbo dependente deve ser o mesmo sujeito da oração principal (9) ou o mesmo que o objeto da oração principal (10).

(9) Eu pretendo trabalhar na virada do ano.



(10) O André me convenceu a vender o carro.



A diferença então entre as relações de dependência *ccomp* e *xcomp* é a de que *xcomp* não admite um sujeito explícito na oração subordinada. A *deprel xcomp* ocorre, por exemplo, com verbos que modalizam, como: *dever*, *poder*, *precisar*. Alguns verbos unem-se a outros para modalizar os enunciados. Esses verbos indicam, principalmente, *modalidade epistêmica* (conhecimento) e *deôntica* (dever). Essas modalidades são subdivididas em *necessidade epistêmica* (deve) e *possibilidade epistêmica* (pode); e *necessidade deôntica* (obrigatoriedade) e *possibilidade deôntica* (permissão) (NEVES, 2011).

Retomaremos os exemplos com suas análises daqui em diante. Em (1), o valor de modalidade de **dar para** é o *de possibilidade*. Entretanto, em relação à forma, o verbo está no impessoal.

Para ocorrências tipo em (1), Gorski (2020) considera “para fazer coisas legais” como uma oração subjetiva.

O fato de INF sujeito ser introduzido por preposição é antigo: “A construção de preposições com o infinitivo tornou-se tão familiar, que, em português, e em outras línguas românicas [...], chegam a antepôr-se a infinitivos que exercitam as funções de sujeito [...]” (DIAS, 1970 [1918], p. 217-219 apud GORSKI, 2020, p. 4348)

Embora Gorski (2020) tenha um argumento forte para sua análise, incluindo um teste de paráfrase como uma oração subjetiva: “**É possível fazer** coisas legais aqui”, não consideramos a melhor anotação a relação de *csubj*. Em primeiro lugar, o uso de uma paráfrase é apenas um dispositivo semântico-argumentativo e não pode ser transposto diretamente para a análise sintática. Assim, o fato de o valor semântico da construção **dar + para + V [infinitivo]** ser semelhante ao de *ser possível*, não existe a possibilidade de transposição da construção sintática do adjetivo **possível** (que, na verdade, leva uma oração-sujeito) à construção sintática em análise.

Não se pode perder de vista que a UD é, essencialmente, uma representação de dependência sintática. Dito isso, existe uma diretriz no manual para anotação de dependentes de *ccomp* com sujeitos inexistentes. Soma-se a isso o fato de *xcomp* não

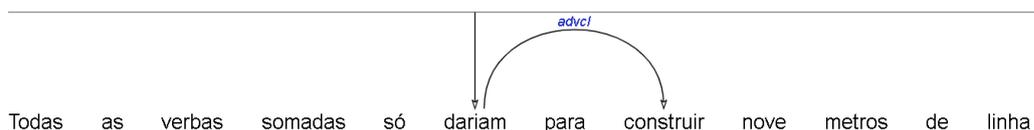
admitir sujeito na oração subordinada. Para (1) é possível existir um sujeito do verbo **fazer**.

(1) **Dá para fazer** coisas legais aqui.



Já (2) expressa algo como *ser suficiente* como também atesta Borba (1996). A relação entre o **dar** e o complemento oracional é a **advcl**, porque o teste de oração final tem bom resultado.

(2) Todas as verbas somadas só **dariam para construir** nove metros de linha.



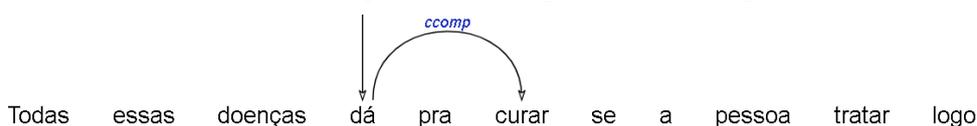
Perceba que o teste da oração final **com a finalidade de** não funciona em (1a) mas funciona na paráfrase em (2a):

(1a) * **Com a finalidade de** fazer coisas legais aqui é possível/dá.

(2a) **Com a finalidade de** construir nove metros de linha, todas as verbas somadas seriam suficientes/dariam.

O exemplo (3) é semelhante ao (1) tendo seu valor semântico girando no eixo da *possibilidade*. Porém, note que não se pode confundir a sequência **Todas essas doenças** com o sujeito da oração. Essa sequência é o objeto de **curar** e está topicalizada.

(3) Todas essas doenças dá pra curar se a pessoa tratar logo.



Sobre a noção de *aspecto*, ela aproxima-se da noção de tempo verbal. Comrie (1985) atesta que o tempo linguístico determina o tempo da enunciação. Aspecto, segundo Castilho (1984, p. 14), “é a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a ideia de duração ou desenvolvimento. É, pois, a representação espacial do processo”.

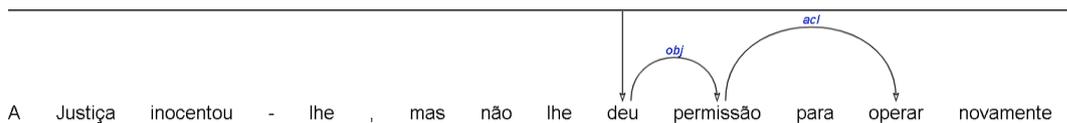
(4) E o gigante, que adora dormir, **deu para acordar** à noite.



Não será feita aqui uma exposição do tratamento do assunto nas variadas correntes visto que a intenção é buscar subsídios linguísticos que permitam a realização de anotação consistente. Para fins de discussão do fenômeno, emprega-se a nomenclatura de Neves (2011). Os verbos aspectuais formam perífrases ou locuções indicando: *aspecto inceptivo* (início do evento); *aspecto cursivo* (desenvolvimento do evento); *aspecto habitual* (evento habitual); *aspecto progressivo* (progressão); *aspecto terminativo* ou *cessativo* (término do evento ou cessação); *aspecto resultativo* (resultado do evento); *aspecto frequentativo* (ideia de frequência); sem ideia de frequência, também podem indicar *consecução*, *intensificação* e *aquisição do estado*. Por exemplo, na sentença (4), **deu para acordar** indica que **gigante** começou algo e que essa atividade não tem conclusão. **Gigante**, neste caso, é sujeito de **dar** e de **beber**. Por analogia, neste uso aspectual do **dar para + V [infinitivo]**, a *deprel* utilizada entre o **dar** e o verbo no infinitivo é a **xcomp**.

Em construções do verbo **dar** atuando como verbo-suporte, como quem predica não é o verbo e sim um nominal, a relação de dependência parte desse nominal para o verbo. Para esse e outros casos de construções com verbo-suporte, a *deprel* utilizada é **acl**. Essa relação ocorre entre uma palavra de conteúdo não verbal e uma oração que a modifica.

(11) “A Justiça inocentou-lhe, mas não lhe **deu permissão para operar** novamente”, diz. (dar permissão = permitir).



7. Conclusão

Como exposto, este estudo propôs-se a apontar caminhos para anotação das construções formadas do verbo **dar** seguidas da perífrase verbal **para + V [infinitivo]** segundo o modelo UD. As propostas de anotação que foram apresentadas levaram em conta a necessidade de consistência na análise e no julgamento dos variados fenômenos linguísticos. O trabalho também contribui com projetos de PLN que utilizem anotações baseadas em relações de dependência, podendo assim, abreviar esforços em anotações sintáticas que seguem o modelo UD. Entende-se que há limitação em relação à análise dos dados, tanto pela grande variedade do fenômeno quanto pela finalidade deste estudo. Relembra-se aqui da diferença entre estudos linguísticos voltados à construção de teorias linguísticas dos estudos para fins de PLN. Espera-se, portanto, que o debate

realizado auxiliie nas tarefas de anotação e ofereça informações e dados para pesquisas posteriores. Conforme demonstrado, esse fenômeno é altamente produtivo, por isso, pretende-se avançar os estudos em trabalhos futuros.

Agradecimentos

Registre-se aqui um especial agradecimento a Magali Duran e Maria das Graças Volpe Nunes, que contribuíram com longas discussões a respeito da anotação que deu origem a este trabalho.

Os autores agradecem também às/aos pareceristas anônimos que fizeram importantes sugestões para o aperfeiçoamento deste artigo.

Este trabalho foi realizado no âmbito do Centro de Inteligência Artificial da Universidade de São Paulo (C4AI - <http://c4ai.inova.usp.br/>), com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (processo FAPESP #2019/07665-4) e da IBM. Este projeto também foi apoiado pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações, com recursos da Lei N. 8.248, de 23 de outubro de 1991, no âmbito do PPI-Softex, coordenado pela Softex e publicado como Residência em TIC 13, DOU 01245.010222/2022-44

Referências

- Baptista, J.; Mamede, N. (2020). Syntactic Transformations in Rule-Based Parsing of Support Verb Constructions: Examples from European Portuguese. In *9th Symposium on Languages, Applications and Technologies (SLATE 2020)*. Schloss Dagstuhl-Leibniz-Zentrum für Informatik.
- Bechara, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Nova Fronteira, 2019.
- Borba, Francisco S. *Uma gramática de valências para o português*. São Paulo: Ática, 1996.
- Castilho, Ataliba T. *Ainda o aspecto verbal*. Estudos portugueses e africanos, v. 4, 1984.
- Coelho, Sueli Maria; De Paula Silva, Silmara Eliza. *Um Estudo Da Variação Linguística No Liame Preposicional Em Construções [Vdar+ Preposição+ Vinfinitivo] No Português Do Brasil*. Revista Diadorim, V. 21, N. 2, P. 125-144.
- Comrie, Bernard. *Aspect: An introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge university press, 1976.
- Comrie, Bernard. *Tense*. Cambridge university press, 1985.
- Croft, William. *Radical construction grammar: Syntactic theory in typological perspective*. Oxford University Press on Demand, 2001.
- Duran, Magali Sanches. Manual de anotação de PoS tags. Relatório Técnico, n. 434, 2021.
- Duran, Magali Sanches Nunes, Maria das Graças Volpe; Lopes, Lucelene; Pardo, Thiago Alexandre Salgueiro. Manual de anotação como recurso de Processamento de Linguagem Natural: o modelo Universal Dependencies em língua portuguesa. Domínios de Linguagem, v. 16, n. 4, p. 1608-1643, 2022.

- Fillmore, Charles J. *The Mechanisms of "Construction Grammar"*. Proceedings of the Fourteenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society (1988), pp. 35-55. 1988.
- Goldberg, Adele E. *Construction grammar: a construction grammar approach to argument structure*. University of Chicago Press, 1995.
- Gorski, Edair. *Níveis de integração de cláusulas para + Infinitivo*. In: SEMINÁRIO DO GEL, 17, 1999, Bauru, SP. Estudos Lingüísticos XXIX. Assis/SP: Unesp, 2000. p. 88-102
- Gorsk, Edair. *A (não) realização do sujeito e a integração de orações*. Scripta, v. 5, n. 9, p. 161-173, 2001.
- Görski, Edair. (2020). Emergência de dar pra/de no domínio funcional da auxiliarização modal deôntica. *Fórum Linguístico*, 17(1), 4342-4356.
- Hovy, Eduard; Lavid, Julia. *Towards a 'science' of corpus annotation: a new methodological challenge for corpus linguistics*. International journal of translation, v. 22, n. 1, p. 13-36, 2010.
- Neves, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.
- Nivre, J.; De Marneffe, M.-C.; Ginter, F.; Goldberg, Y.; Hajič, J.; Manning, C. D.; Mcdonal, R.; Petrov, S.; Pyysalo, S.; Silveira, N.; Tsarfaty, R.; Zeman, D. *Universal dependencies v1: A multilingual treebank collection*. In: Proceedings of the Tenth International Conference on Language Resources and Evaluation (LREC'16). 2016. p. 1659-1666.
- Nivre, J.; De Marneffe, M. C.; Ginter, F.; Hajič, J.; Manning, C. D.; Pyysalo, S.; ... & Zeman, D. . *Universal Dependencies v2: An evergrowing multilingual treebank collection*. arXiv preprint arXiv:2004.10643, 2020.
- Pardo, T. A. S.; Duran, S. D.; Lopes, L. Di Felippo, A.; Roman, N. R.; Nunes, M. G. C.. *Portinari-a Large Multi-genre Treebank for Brazilian Portuguese*. In: Anais do XIII Simpósio Brasileiro de Tecnologia da Informação e da Linguagem Humana, SBC, 2021. p. 1-10.
- Rassi, Amanda Pontes. *Descrição, classificação e processamento automático das construções com o verbo dar em Português Brasileiro*. 2015. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/8278>.
- Silva, Silmara Eliza de Paula. *A construção verbal v1dar+preposição + v2infinitivo [manuscrito]: um estudo na interface Sociolinguística e Gramaticalização* /Silmara Eliza de Paula Silva. – 2018
- Tesnière, Lucien. *Eléments de syntaxe structurale*. Paris, Klincksieck, 1959.